

ANO XIV

Suplemento infantil do jornal

O SECULO

N.º 710

A PARADA DAS FRUTAS

Por VIRGINIA LOPES DE MENDONÇA

FOI num esplêndido pomar de certo palácio real, que isto sucedeu e há tantos, tantos anos, que já se lhe perderam a conta.

Parece que, nêsse tempo, toda a fruta nascia em qualquer época do ano, porque ali se juntaram algumas que, agora, nunca se chegam a ver umas às outras.

Quere dizer: havia frutas da primavera, do verão do outono e até do inverno. As árvores ouviam muitas vezes falar do rei e da rainha às damas e cortezãos que vinham de passeio até ao pomar.

E um dia de que haviam elas de se lembrar?!

Nada mais, nada menos, do que de eleger um rei ou uma rainha.

Se os homens tinham reis, porque é que as frutas não os haviam de ter?! E decidiram, para pôr em prática o seu projecto, organizar uma parada de frutas.

O júri foi constituído por uma res-

peitável senhora nogueira que, de velha, já não dava nozes, uma olaia e um plátano, árvores que não são de fruto, por isso imparciais no seu julgamento.

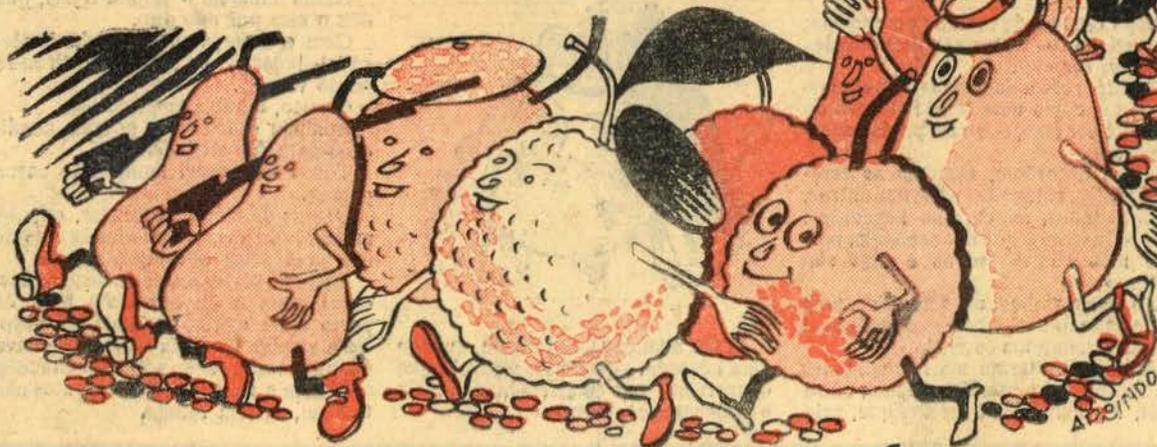
Cada árvore do pomar, mandou uma delegação.

Desfilaram peras, de espingarda ao ombro, fazendo brilhar ao sol as cascas luzidias, laranjas da China, às cortezias, tal qual os chins da sua terra; as de Setúbal, de boa côr sãdia e as da Baía, dansando sambas, maçãs rubicundas que mais reboavam do que andavam, figos lampos, também marchando mal, por causa do seu pé torto...

Os de *capa róta* foram postos fóra do concurso, pelo estado lastimoso em que se apresentaram.

Apupados pela assistência, tiveram de se retirar, transpirando mel por todos os póros.

Os abrunhos do duque, faziam certa vista com a sua capa roxa, assim como



Bebé e o pobrezinho

POR FELIZ VENTURA

O Bébé...

Ai como êle anda,
como êle anda satisfeito!
Que intenso brilho no olhar!...

Vive num mundo dif'rente,
êsse mundo pequenino
em que se aprende a rezar.

E com isto ia esquecendo
de acabar
de vos contar
o motivo de o Bébé
andar assim tão contente.

Escutem, vou começar:

Nêsse dia
recebera de presente,
oferta da Tia Guida,
um fato novo à maruja
e já com calça comprida.

O sonho dos seus sete anos!
A gente naquela idade
em mais não sabe pensar!

E senti tanta alegria
que se pôs, junto à janela,
em voz baixinha a cantar.

Mas eis que êle, então, repara
no pequeno do vizinho,
menino da sua idade.
Coitado, tão pobrezinho!
Mas tinha dentro do peito
um tesouro: — o da Bondade.

Mostrava tal alegria,
tão grande contentamento,



que o Bébé ficou calado
e até um pouco intrigado
preguntou à sua Ama:

— «Que tem aquele pequeno
que se ri com tanto gosto?
Nunca o vi tão bem disposto!»
Ela, com tôda a meiguice,
afagando o seu menino,
com voz doce assim lhe disse:
— «Oiça, meu filho. A razão
é bem simples. O calção
que estava já muito uzado
e o menino não vestia,
mais o bibe de riscado
com quadrado miudinho,
deu-os a sua Mama
ao pequeno. Coitadinho!
Essa prenda sem valia,
deixou-o tão satisfeito
que até chorou de alegria.

Gostava que então o visse!...»
E, sorrindo com meiguice,
ia afagando o Bébé.

É que o que temos, velhinho,
Parecendo que não presta,
Basta para encher de festa
Quem no mundo é pobrezinho.

as ameixas que envergavam quimonos
japoneses, de várias côres,
- A pesar de serem da horta, os mo-
rangos vinham vistosos com as suas
fardas mosqueadas e as barretinas
verdes. Mas foi o pècego, pela sua apa-
rência aristocratica, o seu vestido de
côres suaves, aveludadas, que agradou
em cheio.

Logo correu, de ramada em ramada,
que seria êle o que mais probabilidades
tinha de ser eleito.

Os alperces e damascos foram clas-
sificados como uma reles imitação do
pècego; por isso, ouviram piadas desa-
gradáveis.

Numa desordem, seguiam as cere-
jas e ginjas, enlaçadas umas nas outras.

Revoltadas, as cerejas bradaram:
— «Queremos que nos separem, por-
que nós somos moças e elas são
ginjas.»

As uvas vinham a bambolear, num
passo tão incerto que mostrava bem
estarem como um cacho!

Ainda desfilaram mais qualidades
de frutos, sem prestigio algum; entre
êles, as melancias e melões que, pela

sua deselegância, foram trocados e
assobiados. Então, o júri resolveu ele-
ger o pècego.

Era êste o fruto que mais garantias
dava de ocupar dignamente um lugar
previligiado.



Já êle avançava, orgulhoso, quando
uma nêspera, ainda mais amarela que
o costume, por estar roída de inveja
e malquerença, gritou:

— «O rei tem bicho! O rei tem
bicho!»

Na verdade, uma lagartinha apare-
cia, furando a pele de veludo do no-
bre pècego.

Os gritos de entusiasmo cessaram.
Só um fruto são e escorreito, podia
ser o rei.

Assim também o julgou o júri, que
deu o dito por não dito.

Com a cabeça turada pela impla-
cável lagarta, o pècego retirou-se
muito vexado.

O caso, então, complicou-se.
Nenhum outro fruto possuía condi-
ções para tão alta distinção.

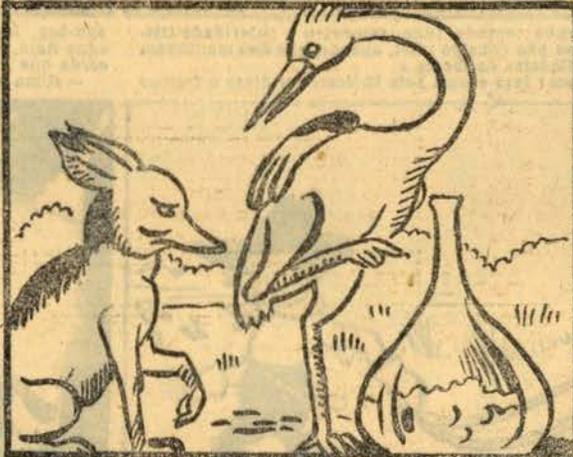
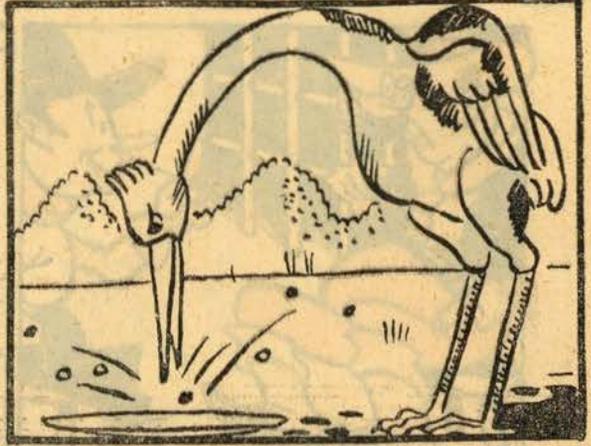
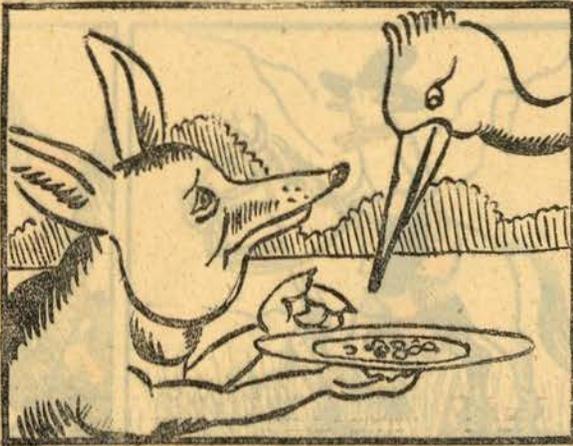
Todos êles eram muitíssimo casca
grossa.

Depois de muito parafusar, com os
membros do júri, foram todos de opinião
que se elegeisse antes uma rainha.

Entre as várias espécies de ameixas,
escolheram a de côr mais fina, de
porte mais distinto e mais gracioso.
Essa ameixa dourada que se chamava
Cláudia, ficou sendo a Rainha-Cláudia.

E' esta a razão porque os frutos não
têm rei, só têm rainha.

F Á B U L A M U D A

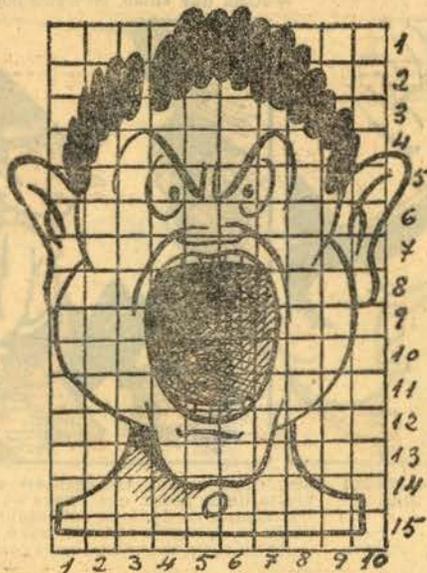


Atendendo ao sucesso obtido pelas anteriores histórias mudas, o «Pim-Pam-Pum» abre um novo concurso nas mesmas condições.

O PAPA-BOLAS

Sabem o que é o «Papa-bolas»? É uma cabeça duns 70 cm. de altura, recortada em madeira ou mesmo em cartão muito grosso. O jogo consiste em enfiar na sua enorme bocarra umas bolas de trapo, vencendo o menino que mais bolas o fizer engulir.

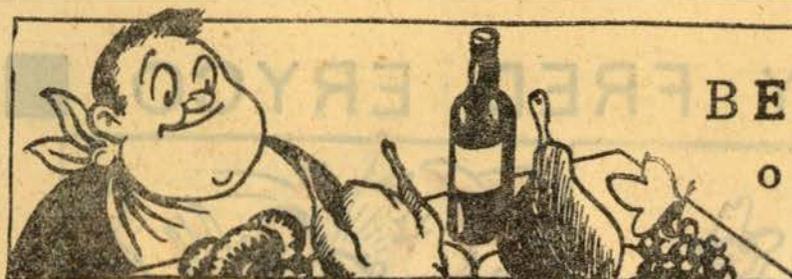
Eis mais um brinquedo que o «Pim Pam-Pum» vos oferece para esta época de veraneio. Podem, se simpatizarem com esta cabeça, aumentá-la pelo processo dos quadradinhos.



INTERCAMBIO EPISTOLAR



À menina Maria Luíza Ramos Rocha, de 14 anos, coube em sorte a amiguinha Maria Helena Alves Mota 11 anos.



BELIZÁRIO O COMILÃO

TAVARES PINO

BELIZÁRIO Casimiro era um bom rapaz. Fogueiro, há muitos anos, num paquete de passageiros, era deveras estimado pelos seus colegas, que admiravam as suas boas qualidades.

Mas não há belo sem senão e o senão de Belizário era comer de mais; um comilão de marca.

Comia formidavelmente; e falo no pretérito porque hoje em dia come normalmente.

Era este defeito o motivo da ri-

sota dos seus companheiros. Calcula-se, pois, o seu espanto quando um dia, de manhã, o viram muito amarelo, tomar um pôsinho branco, chamado sulfato de soda, e daí em diante, comer como éles.

para dentro de si carvão e mais carvão.

O calor aumentava e a fornalha cada vez se sentia pior. Sentia dores de cabeça e vontade de vomitar, de vomitar o carvão.

Estava quasi a ponto de o fazer, quando o forneiro lhe fechou a boca, isto é: — a porta.

Maldito bruxo!

O que éle fizera ao Belizário!

Dai a pouco, voltou o forneiro. Então, a fornalha não pôde mais. Desatou num berreiro tão grande que Belizário... acordou.

Mas acordou muito mal. Dôres fortíssimas na cabeça, vômitos violentos, campanhas nos ouvidos, etc. O pesadêlo fôra devido a uma indigestão.

Em suma, o pobre forneiro sentiu-se tão mal que nunca mais foi brutinho a comer.



Qual o motivo desta reviravolta? Eu conto:

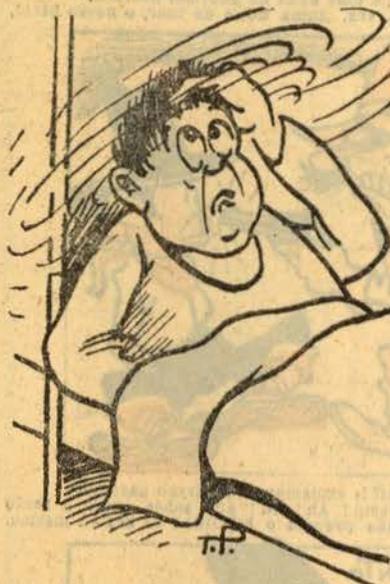
Certo dia, depois de, na forma do seu costume, encher demais o bandedulho, deitou-se.

Então, com grande espanto seu, viu, sentado aos pés da cama, um anão que lhe disse:

— «Eu sou um bruxo. E, como sei que gostas muito de comer, vou proporcionar-te a forma de o fazeres continuamente. Vou transformar-te numa fornalha deste navio e poderás, então, comer muitíssimo!»

Disto isto, desapareceu e — ó desgraçado Casimiro! — realmente viu-se feito fornalha sem graça nenhuma. Um forte calor o consumia, quando viu vir, para éle, um seu colega que, com uma pá, começou a despejar

E agora, amiguinhos, cuidado, pois o comer de mais, além de estragar o estômago, causa pesadêlos.

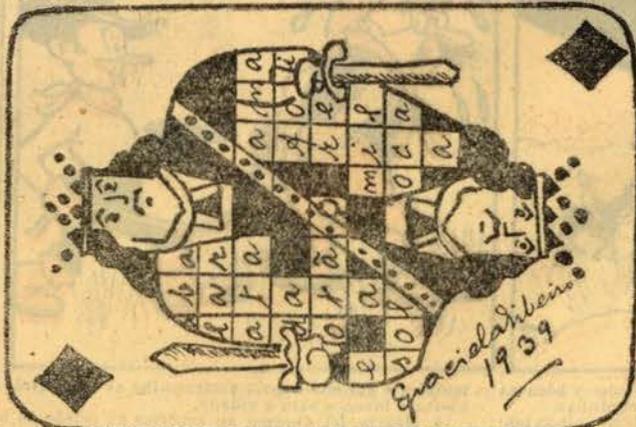


INTERCAMBIO EPISTOLAR



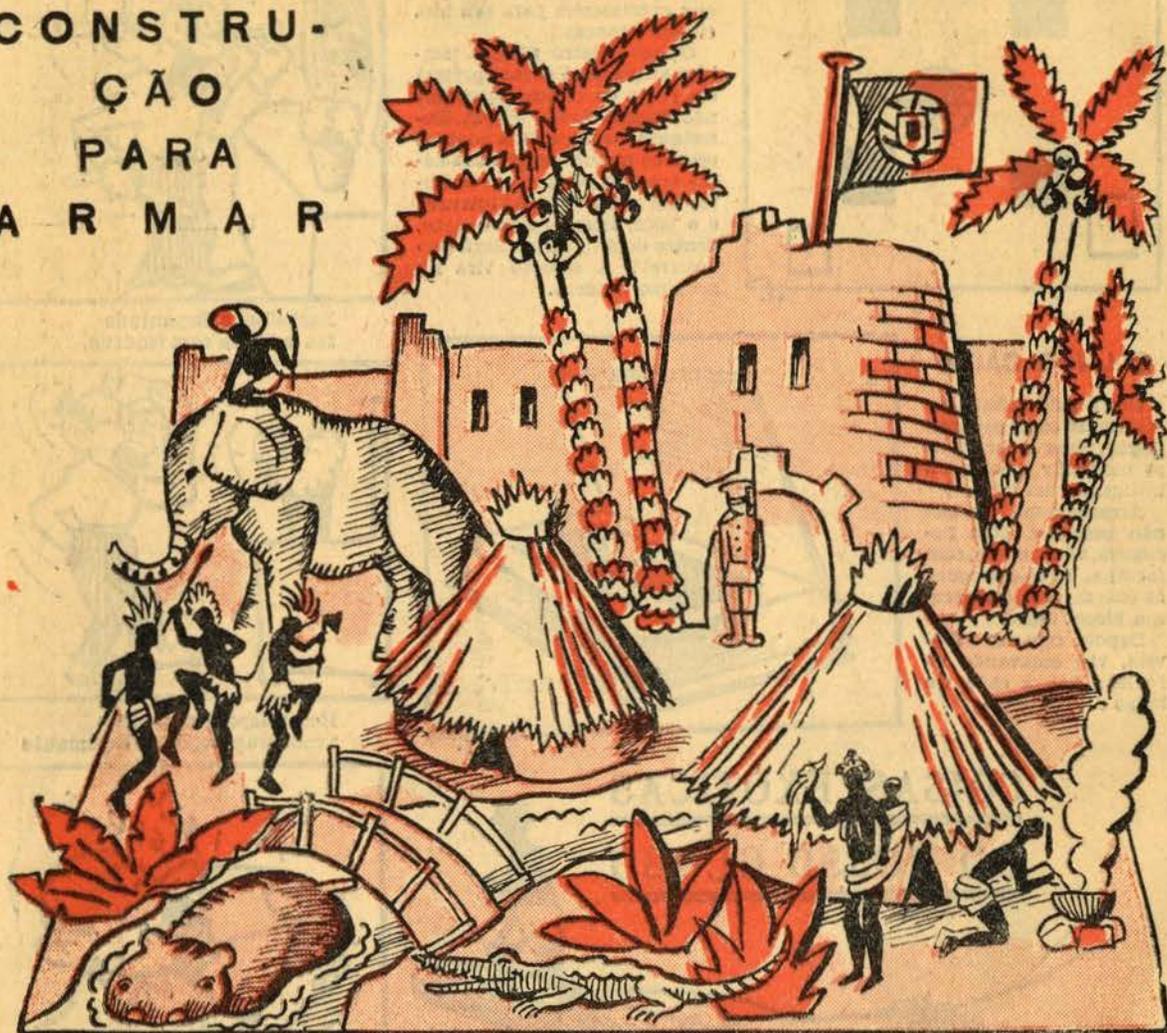
À menina Miraldina de Jesus Sezões de 43 anos, coube em sorte a amiguinha Luíza Maria P. Bamond de 24 anos

PALA-
VRAS
CRUZA-
DAS



Solução do número anterior

IMPÉRIO PORTUGUÊS
UMA ALDEIA INDIGENA
CONSTRU-
ÇÃO
PARA
ARMAR



O «Pim-Pam-Pum» dá hoje começo á publicação duma *Aldeia indigena*, construção para armar, cujo plano de conjunto reproduzimos acima e cujos componentes fragmentários, para a sua execução, iremos dando em números sucessivos. A base da construção deve ter vinte e cinco por dezasseis centímetros e a sua disposição, conforme o plano de montagem á direita, é a seguinte: N.º 1 — Forte, 2 — Choupanas, 3 — Indigenas, 4 — Palmeiras, 5 — Crocodilo, 6 — Plantas, 7 — Elefantes, 8 — Hipopótamo, 9 — Ponte 10 — Rio.

A montagem das choças, far-se-há dando-lhes uma ligeira curva, e as partes indicadas com a letra A, são para dobrar para dentro e colar em seguida. A medida que formos publicando os desenhos desta construção, explicaremos a forma de a armar. Deverá ser armada sobre um cartão, de preferência verde, com as dimensões de 0^m,16 x 0^m,25. Os meninos poderão colorir a armação a seu capricho e gosto.

PLANO DE MONTAGEM

